

**UM DIÁLOGO INICIAL SOBRE PROCEDIMENTOS CURATORIAIS
BÁSICOS ENVOLVENDO A ARQUEOLOGIA PREVENTIVA**

**AN INITIAL DIALOGUE ON BASIC CURATORY PROCEDURES
INVOLVING PREVENTIVE ARCHAEOLOGY**

**Danilo Alexandre GALHARDO¹
Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO²
Neide Barrocá FACCIO³**

25

RESUMO

Esse artigo aborda os processos curatoriais básicos desenvolvidos nas diferentes etapas da arqueologia preventiva voltada ao licenciamento ambiental. Nesse sentido, diálogos que versam sobre o planejamento do trabalho e a preservação de artefatos são entendidos como formas objetivas de ampliar o debate sobre os métodos e cuidados inerentes à pesquisa arqueológica. A práxis da ciência arqueológica é definida como cadeias operatórias que vão desde a *arqueografia* inicial até o papel social de extroversão dos dados, conferido pelos Programas de Educação Patrimonial; assim é salutar à ciência constante discussão e aprimoramento nesse cenário de expressivos volumes artefatuais e de arqueodados vindos da Arqueologia Preventiva.

¹Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP São Paulo, mestre em Arqueologia MAE-USP, São Paulo. E-mail: danilogalhardo@gmail.com

² Doutora, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP Presidente Prudente, mestre em Arqueologia MAE-USP, São Paulo. E-mail: juliluzz@yahoo.com.br

³Livre Docente, UNESP Presidente Prudente, Doutorado e Livre Docência Arqueologia MAE-USP, São Paulo. E-mail: nfaccio@terra.com.br

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

Palavras-chave: Curadoria, Licenciamento Ambiental, Arqueologia Preventiva.

ABSTRACT

This paper discusses the basic curatorial processes developed in the different steps of preventive archeology focused on environmental licensing. In this sense, dialogues that deal with the planning of work and the preservation of artifacts are understood as objective ways to broaden the debate about the methods and precautions instruments to archaeological research. The praxis of archaeological science is defined as *Châines Opératoires* starting on initial archeology to the social role of extroversion of data, conferred by the Patrimonial Education Programs; so it is salutary to the constant discussion and improvement in this scenario of expressive artifactual and archaeological volumes arising from preventive archaeology.

Keywords: Curatorship, Environmental Licensing, Preventive Archaeology.

RÉSUMÉN

Este artículo aborda los procesos de cuidados básicos desarrollados en las diferentes etapas de la arqueología preventiva orientada al licenciamiento ambiental. En ese sentido, diálogos que versan sobre la planificación del trabajo y la preservación de artefactos son entendidos como formas objetivas de ampliar el debate sobre los métodos y cuidados inherentes a la investigación arqueológica. La praxis de la ciencia arqueológica se define como cadenas operativas que van desde la arqueografía inicial hasta el papel social de extroversión de los datos, conferido por los Programas de Educación Patrimonial; así es saludable a la ciencia constante discusión y perfeccionamiento en ese escenario de expresivos volúmenes de artefactos y de arqueodatos provenientes de la arqueología preventiva.

Palabras-clave: Cuidados, Licenciamento Ambiental, Arqueología Preventiva.

INTRODUÇÃO

De forma mais acentuada, desde a primeira década do século XXI, a frequentemente denominada arqueologia preventiva, voltada ao licenciamento ambiental de empreendimentos modificadores do meio físico, vem levantando um volume de dados e acervo que colocam em xeque várias questões frente ao patrimônio cultural brasileiro. O grande número de pesquisas e o volume de arqueo-dados gerados pela arqueologia preventiva trazem avanços, pois possibilitam conhecer áreas que, arqueologicamente, até então, eram encaradas como lacunas, mas também originam desafios às universidades, centros de pesquisa, empresas, órgãos gestores e instituições museológicas. Ao falar sobre os retrocessos e desafios dos museus diante da cultura material, Bruno (2009) relata que:

[...] os princípios e práticas inerentes ao processo curatorial, tem legado novas gerações descomprometidas e despreparadas para o exercício e consolidação de cadeias operatórias de procedimentos técnicos e científicos relativos à salvaguarda e comunicação das coleções museológicas. [...] no que se refere à compreensão sobre as engrenagens dos processos curatoriais tem encontrado muitos entraves para a desejável realização da referida cadeia operatória. Os entraves têm diferentes origens e características, mas de certa forma em um aspecto coincidem: prejudicam o desempenho das funções básicas dos museus e os afastam das demandas contemporâneas no que se refere ao impacto que devem propiciar nas sociedades que os mantêm. (BRUNO, 2009, p.22).

Em suma, as palavras de Caldarelli (2015) elucidam bem essa problemática no cerne da arqueologia preventiva:

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

Os grandes desafios colocados internacionalmente para todos os profissionais e instâncias que atuam na gestão dos bens arqueológicos ameaçados por projetos que alteram a matriz dos bens arqueológicos são: a) a gestão e divulgação da imensa quantidade de dados gerados pela arqueologia preventiva [...] b) a gestão do imenso acervo material gerado pela arqueologia preventiva [...] c) outro grande desafio da Arqueologia Preventiva é o da conservação *in situ* de estruturas e sítios arqueológicos, recomendada pelo Artigo 6 da Carta para a Proteção e Gestão do Patrimônio Arqueológico (ICOMOS/UNESCO, 1990) (CALDARELLI, 2015, p.8-9).

Qual o papel dessas pesquisas e quais os objetivos pós-campo e em laboratório? Não trataremos de forma específica essa questão no presente artigo, no entanto, ela não deixa de fazer parte de todos os pontos aqui abordados, haja vista que o estudo arqueológico é entendido como uma cadeia operatória, em que as fases são interdependentes e quaisquer perdas ou danos irão afetar os processos interpretativos (TESSARO, 2013; MORAES WICHERS, 2011).

Diferentes fases de pesquisa fazem parte do escopo do trabalho arqueológico, as quais, com suas peculiaridades metodológicas, e como um todo, representam sistemas de informação processual. Isto é, as cadeias operacionais ligam-se desde os primeiros planejamentos antes do trabalho de campo até o armazenamento final do material coletado e da devida documentação. “O valor essencial de uma escavação depende do registro gerado durante o trabalho de campo. É essencial uma boa organização” (RENFREW; BAHN, 1998, p.100).

Trabalhos de campo interventivos alteram o contexto cultural, desmontando-o em diferentes níveis conforme a metodologia e a área abrangida. Assim, toda informação contextual relatada e as descrições obtidas precisam ser qualitativamente detalhadas.

Outra preocupação inerente a práxis é a conservação dos objetos arqueológicos, no momento em que são retirados *in situ*, uma vez que a deterioração pode ser acelerada com a mudança físico-químico-biológica do suporte natural / cultural (PYE, 1992). Nesse sentido, desde a escavação, o laboratório até a reserva técnica, vem crescendo o papel do conservador – do gestor, dada a variabilidade e complexidade de matérias-primas que compõem os cenários arqueológicos. Exemplos dessas práticas de proteção e conservação têm sido mostradas e debatidas no Brasil (VASCONCELOS, 2011), lembrando que:

[...]ao falarmos de proteção e preservação, estamos demonstrando a trajetória de atuação, de uma prática sistematizada e de um conjunto de decisões tomadas, ao longo do tempo, à luz de conceitos em processo permanente de transformação (MARTINS, 2011, p.147).

Os registros arqueográficos são essenciais, devem começar desde o campo e serem acessíveis, acompanhando o objeto até o laboratório e à reserva técnica. O registro deve conter informações sucintas sobre o objeto no solo, incluindo o contexto arqueológico, condições do solo, materiais associados, seus estados físico-químicos, método e técnicas utilizados na exumação e os primeiros procedimentos à sua conservação e preservação. Um registro completo também inclui métodos e resultados de exame, as razões para o nível de tratamento escolhido, informações gerais desse tratamento e recomendações para a manipulação, acondicionamento, estoque e exposição artefactual (PYE, 1992).

Os exemplos de procedimentos estendem-se das práticas de campo, ao laboratório até a reserva técnica de museus e instituições culturais, em suas áreas de

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCI

exposição, interação com o público, com a sociedade que tem anseios e perspectivas próprias, inerentes ao patrimônio cultural. Essa cadeia ampla de pesquisa, preservação e extroversão dos bens culturais pode ser colocada à luz do conceito de Gestão do Patrimônio Cultural (Figura 1).

Trabalhar com Arqueologia dentro da Gestão do Patrimônio Cultural significa, portanto, pensar o patrimônio arqueológico no contexto de um conceito mais amplo de patrimônio cultural. Em outras palavras, o arqueólogo deve saber que o sítio arqueológico não é o único tipo de bem de valor cultural presente em sua área de pesquisa, e muitas vezes a comunidade local dá mais importância a esses outros bens do que ao sítio arqueológico. E ele deve saber trabalhar essa realidade (PENIN, 2010, p.31).

Nesse contexto, segundo Bruno (2009), emerge a

[...] necessidade das revisões curriculares dos diferentes cursos de formação, especialização e pós-graduação das áreas responsáveis por coleta, análise, salvaguarda e comunicação das expressões materiais da cultura, a partir da inserção dos princípios teóricos e das metodologias aplicadas relativos aos processos curatoriais, ações interdisciplinares e códigos de ética (BRUNO, 2009, p.24).

A projeção do estudo, nesse encadeamento, tomando os bens culturais em face de uma sociedade, é o grau último do valor da pesquisa, que é o de fazer retornar à sociedade o conhecimento levantado durante as fases de estudo arqueológico (MORAES WICHERS, 2011).

Figura 1: Cadeia operatória do processo curatorial.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

A Sociedade de Arqueologia Histórica (The Society for Historical Archaeology, 1993) expõe alguns conceitos básicos dentro da proposta de curadoria arqueológica, são eles:

Coleções arqueológicas: compostas por diversos componentes, tais como: artefatos⁴ arqueológicos de diversas naturezas e períodos, amostras para datação, amostras ambientais, documentação de campo, de laboratório, registros fotográficos, cadernos de campo e relatórios.

⁴ O termo artefato aqui é entendido de acordo com as palavras de Dunnell (2006, p.154): “[...] ocorrência que exiba qualquer atributo físico que possa ser considerado como resultante da atividade humana”.

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

Curadoria: é um termo que diz respeito a um elemento do processo arqueológico e se refere ao planejamento e à preservação do material arqueológico e de sua documentação em longo prazo.

Reserva técnica: local dedicado à armazenagem do material arqueológico, com todos os cuidados pensados à preservação do material. As reservas técnicas necessitam estar sob um aparato de discussões teóricas e ações que visem à acuidade do espaço e dos objetos nele contido, esse arcabouço tem se consolidado na denominada Conservação Preventiva.

A Conservação Preventiva comporta pesquisas relacionadas ao impacto do meio ambiente no processo de degradação dos materiais – considerando luz, umidade relativa, temperatura, poluição, ataque biológico –, além de questões importantes como política de manejo de coleções envolvendo manuseio, embalagem, acondicionamento, transporte e segurança de uma maneira geral. É uma área de pesquisa relativamente nova, que se iniciou na década de 1980 (FRONER, 2008,p.8).

As diferentes fases das pesquisas, inseridas no licenciamento ambiental de empreendimentos modificadores do meio físico – diagnóstico arqueológico interventivo ou prospecção, monitoramento, escavação / resgate arqueológico e programas de educação patrimonial estão em consonância com os procedimentos indicados por esse texto, conforme o seu grau de adequação aos requisitos citados, bem como, a demanda da atual legislação brasileira, em especial à instrução normativa 001/IPHAN/2015.

Os métodos de campo, passando pela exumação dos vestígios arqueológicos, e o ato de coligir artefatos pressupõem métodos apropriados de pesquisa, pois o intuito da

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

investigação arqueológica é trazer o maior número de dados possíveis, de maneira qualitativa, para o entendimento tanto do contexto processual natural como cultural.

A sistemática e organização no trabalho são deveras importantes e vêm com a atenção máxima no preenchimento das cadernetas de campo, fichas, etiquetas, dados locacionais como coordenadas geográficas ou Universal Transversa de Mercator (UTM), descrição de geoindicadores arqueológicos – fatores geo, referências à quadra ou sondagem, número de procedência, nível estratigráfico, registro fotográfico e legendas de fotos, estas sempre georreferenciadas (MORAIS, 1999; KIPNIS, 2003).

Os dados gerados em campo, em qualquer uma das fases citadas acima, serão os fornecedores de subsídios que determinarão a qualidade da pesquisa, envolvendo a posterior análise dos artefatos em laboratório e as problemáticas a serem investigadas. A continuidade da pesquisa em outros âmbitos e a possível verticalização de perguntas específicas também estarão ligadas à organização e qualidade dos dados.

Os materiais que chegam de campo, tanto os documentais como os artefatos, deverão ser alocados pelos pesquisadores de modo a protegê-los, mas facilmente acessados durante o tempo de permanência na reserva técnica e no laboratório.

DOCUMENTAÇÃO DE CAMPO

Cadernos, cadernetas e fichas de campo são utilizados para anotação. Sugere-se a primeira página para que o pesquisador responsável pelo preenchimento se identifique, coloque o nome do projeto, etapa de pesquisa e data. São nesses documentos de registro que toda anotação de campo será escrita, bem como a descrição da paisagem e de seus

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCI

componentes: pedologia, geologia, geomorfologia, botânica; observações quanto ao contexto cultural e suas especificidades artefatuais, e mais, deverão constar os métodos e técnicas utilizados durante o trabalho, bem como adaptações do projeto de pesquisa e eventuais problemas e relatos diversos decorrentes do trabalho. Nesse contexto, a anotação minuciosa de informações sobre a paisagem é relevante, pois se trata da primeira etapa da cadeia operatória para o estudo da cultura material.

Croquis, desenhos e plantas baixas feitos em papel necessitam posteriormente ser digitalizados e, dessa forma, estarão protegidos em meio digital. Todas as versões desses documentos precisam de informações como: nome do responsável, sítio arqueológico, data, nome do projeto, título do croqui e desenho. É preciso que o título contenha dados locacionais como denominação da intervenção, coordenada UTM ou geográfica, escala, nível ou qualquer outra especificidade julgada necessária. Exemplo: Sítio Morro, Quadra ED, nível 2, perfil N.

Croqui (planta geral) do sítio arqueológico, faz parte da arqueografia essencial para o entendimento do trabalho arqueológico. Essas plantas com todas as intervenções nomeadas e georreferenciadas, em um primeiro momento, são feitas em papel milimetrado e, posteriormente, digitalizadas; assim como outros documentos de campo como desenhos, plantas baixas e tratamentos gráficos aprimorados, com softwares e programas específicos, podem seguir-se a eles.

Registro fotográfico – as fotografias digitais necessitam de legendas e deverão conter referência locacional, seja coordenada UTM ou geográfica, nome de quadra, nível, setor do sítio e/ou outras julgadas pertinentes como geoindicadores arqueológicos, por exemplo.

Dados do GPS (Global Positioning System) – todas as coordenadas registradas em GPS deverão ter correspondência com anotações, seja em fichas ou cadernetas. Fica destacada a necessidade da relação explícita entre nomeações dadas aos pontos e ao contexto pesquisado.

Número de Procedência (NP) – Coleções materiais de qualquer natureza podem receber em campo números de procedência registrados na etiqueta e repassados posteriormente para a ficha de contabilidade do material arqueológico. Esses números serão definidos pela posição da peça em seu contexto deposicional. Exemplo: Em um resgate arqueológico o número (NP) será colocado por níveis escavados em uma determinada quadra: NP 01, quadra NE1, Nível 1; NP 02, quadra NE1, Nível 2. Em prospecções, por exemplo, os NP podem seguir o mesmo raciocínio citado, mudando de numeração conforme as metodologias para registro dos pacotes e do material arqueológico, considerando as especificidades de níveis artificiais, níveis naturais, estruturas ou qualquer outra característica contextual que apresente relevância para que a numeração do NP seja modificada. Exemplo: Quando há artefatos associados a uma estrutura ou feição, torna-se interessante que outro NP seja pensado, sendo eles devidamente identificados com suas posições locais. Artefatos com macro traços e/ou macro vestígios (ex. mós com pigmento mineral ou indícios de material orgânico, calibradores etc.) também se encaixam nesse raciocínio, uma vez que a separação dos demais já ocorre em campo, protegendo-os para futuras análises específicas.

Em escavações com grande quantidade e volume de material, vários sacos plásticos são separados para dar conta do mesmo nível escavado, no entanto, se não houver nada

excepcional no nível com uma estrutura, uma feição, os diferentes sacos terão o mesmo NP de procedência.

É válido destacar que os NP não necessariamente seguirão uma sequência numérica dentro da mesma unidade de escavação ou prospecção, já que a dinâmica de campo é extremamente rápida, e o que realmente importa é a qualidade do registro, ou seja, que todo número NP esteja plenamente referenciado na ficha de campo. É indicado o uso de uma planilha geral para o registro de NP. Etiquetas necessitam de algumas informações básicas como: nome do projeto, etapa de pesquisa; sítio arqueológico, procedência (exemplo: quadra, sondagem, número de coleta de superfície), coordenada UTM ou geográfica do local da coleta, nível, número de procedência (N.P.) – opcional, data e nome do pesquisador responsável pelo preenchimento (Figura 2).

Para facilitar a contabilização geral do material coligido em campo, e que deverá ser digitalizado em etapa posterior, indica-se também que no campo Material, das etiquetas, sejam discriminados e computados os diferentes tipos de material arqueológico, compatíveis com o saco plástico no qual a etiqueta é colocada. Exemplo: 13 líticos, 23 cerâmicas etc.

Figura 2: Modelo básico de etiqueta.

Nome do Projeto	
Fase da pesquisa / Sítio Arqueológico	
Data ___/___/___	Pesquisador _____
Procedência _____	Nível _____
Coordenada _____	
Material _____	

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

É imprescindível que toda etiqueta seja protegida da umidade. Para tal, depois do preenchimento, ela deve ser inserida em um pequeno saco plástico, seja ele de

fechamento hermético ou aqueles denominados de diversas formas no Brasil como: saquinho de geladinho, chupe-chupe, sacolé, entre outros. A inserção da etiqueta dentro do saquinho só garantirá sua proteção se este for fechado com um nó ou amarrilho. Aqui, novamente, podemos citar o trabalho processual do arqueólogo que, ao deparar-se com uma etiqueta inviabilizada pelo não fechamento correto do saco, poderá perder dados importantes da etapa de campo, o que também acarretará prejuízos imensuráveis para o trabalho curatorial em laboratório e quiçá interpretativo sobre parte da coleção.

Em uma escavação ou prospecção, conforme algumas condições de tempo, nem sempre é possível a separação do material arqueológico em distintos sacos plásticos, considerando as diversas classes existentes. No entanto, algumas premissas para conservação e destinação científica (como datação, análise de sedimento, paleoambiente etc.) devem ser seguidas, obedecendo-se os procedimentos inerentes à acuidade do processo. Normas para cuidado e alocação das coleções arqueológicas provenientes das intervenções de campo são expostas abaixo.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO: CUIDADOS, ACOMODAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

A conservação e preservação de um dado objeto para o futuro dependerá do tipo e qualidade da acomodação dada a ele. Desse modo, a condição primária para um plano de acomodação / reserva é a natureza da coleção, e este levará como critérios essenciais dois fatores: os materiais e métodos de sua manufatura e o meio a que esse objeto ficou exposto, isto é, as condições de sua deposição (BACHMANN; RUSHFIELD, 1992). Acuradoria terá êxito, conforme os primeiros planejamentos, nos cuidados advindos do

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIÓ

campo, critérios de diferenciação, separação e devida acomodação das coleções arqueológicas.

Although archaeologists do not need to become experts in collections management, a working knowledge of basic principles, issues, and terminology is useful for enjoying effective communication with repository staffs and for being sensitive to their concerns, policies, and procedures (SULLIVAN; CHILDS, 2003, p.59).

Chegados do trabalho de campo, os materiais arqueológicos deverão ser colocados em sacos plásticos com fechamento hermético, tipo *zip* ou convencionais, fechados com amarrilho, certificando-se de que neles não há excesso de sedimento ou umidade. A depender do contexto e das condições do material, principalmente para a cerâmica e metais⁵, indica-se que sacos com pequenos furos sejam utilizados, permitindo a circulação de ar, evitando que a umidade gere bolor ou corrosão prejudicial a quaisquer características das peças (LORÊDO, 1994).

É preciso pensar na acomodação do material arqueológico nos sacos plásticos de modo a se evitar atritos, excesso de peso e volume. Esse raciocínio também é válido para objetos pequenos, uma vez que materiais leves e pequenos, acumulados demasiadamente em um mesmo saco ou compartimento, irão produzir peso prejudicial aos que estão abaixo deles. Atenta-se também para o cuidado com objetos pontiagudos, os quais podem rasgar sacos e, conseqüentemente, expor o material a diversos riscos. Para tal, sempre se indica que essas extremidades pontiagudas ou cortantes sejam envoltas com papel macio ou plástico bolha.

⁵ Para a conservação de metais ver os trabalhos de Albuquerque; Lima (1994/1995) e Lorêdo (1994).

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

Amostras de material para a datação e/ou bioarqueológicos (antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia) sempre deverão ser colocadas em compartimentos e caixas separadas, devidamente identificadas (SCHEEL-YBERT et al., 2005/2006).

O material arqueológico deve chegar do campo em caixas de plástico resistentes e identificadas. Sabe-se que muitas vezes a região do contexto pesquisado não oferece condições para a compra de caixas específicas, por isso, por questões de facilidade, qualidade e custo, em um primeiro momento, indicam-se caixas plásticas do tipo engradados, não sendo recomendadas caixas frágeis como as de papelão ou qualidades diversas de plástico maleável. A logística de compra das caixas no próprio contexto do trabalho de campo ou o seu envio para o transporte do material arqueológico será discutida e adaptada diretamente com o coordenador de campo, procurando-se, então, a estratégia mais adequada.

Na parte externa da caixa deverão ser afixadas etiquetas com as seguintes informações: número da caixa, nome do projeto, etapa, sítio arqueológico, número de procedência (opcional), classe artefactual, data e pesquisador responsável (Figura 3).

Figura 3: Modelo de etiqueta para as caixas.

CAIXA 1 - ESTRADA DE FERRO JURIRI RESGATE SÍTIO ARQUEOLÓGICO JUREMA - ETAPA 2 Classe: lítico lascado e polido Coordenador: João Moreira 02/12/2017 Fonte: Elaborado pelos autores (2017).
--

As caixas deverão ser organizadas de modo a não ter excesso de peso e volume, pensando-se na resistência e estrutura delas. Materiais frágeis e leves devem vir

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

separados ou acima dos demais e, se for o caso, envoltos unitariamente com proteção de plástico bolha. Também é recomendável que cada caixa receba uma única classe artefactual, o que de modo algum comprometerá possíveis associações de diferentes classes de um mesmo depósito cultural, quando da análise em etapas laboratoriais.

Dentro da caixa deverá seguir a seguinte ficha impressa(Figura 4):

Figura 4: Ficha de controle do acervo.

Ficha de Controle de Acervo / Sítio Arqueológico												
Área:					Data:			Responsável:				
Procedência	Nível	N.P	Qtde. Sacos	Lítico	Cerâmica	Vidro	Louça	Metal	ODM	Material Const.	Outro	Total

Abreviações: N.P – Número de Procedência; ODM –Osteodontomalacológico; Material Const. – Material Construtivo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

O arquivo com as fichas de controle do acervo deve ser gravado em meio digital, em pasta com o nome do projeto.

NO ESPAÇO DO LABORATÓRIO

O espaço do laboratório é entendido como um local dinâmico e de comunicação entre diversos pesquisadores, sendo esses os responsáveis pelo tratamento adequado do material arqueológico, buscando estudá-los em sua totalidade, isto é, desde a origem da matéria-prima, manufatura até o descarte final do objeto. A abordagem textual não está apenas focada nas coleções arqueológicas, mas também nos instrumentos necessários ao seu estudo e registro. Para tais atividades, destacam-se como objetivos essenciais a organização e o zelo em todos os procedimentos envolvidos.

Um laboratório é composto pelo espaço físico, corpo técnico capacitado, instrumentos permanentes para pesquisa como: computadores, impressoras, lupas, balanças, paquímetros, máquinas fotográficas, luminárias etc. E instrumentos renováveis como: bases, algodão, tintas para numeração, acetona, papéis, sacos plásticos, cola, amarrilhos, mantas de polietileno etc.

A premissa para todo laboratório e estrutura agregada é a correspondência com as coleções arqueológicas a serem trabalhadas. Pensa-se, então, em volume, quantidade e especificidade artefactual e, em consequência, no número de pesquisadores e suas formações, auxiliares e materiais para comporem o estudo. Segundo Bruno (2009), nesses contextos emerge

[...] a necessidade das revisões curriculares dos diferentes cursos de formação, especialização e pós-graduação das áreas responsáveis por coleta, análise, salvaguarda e comunicação das expressões materiais da cultura, a partir da inserção dos princípios teóricos e das metodologias aplicadas relativos aos processos curatoriais, ações interdisciplinares e códigos de ética (BRUNO, 2009, p.24).

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIIO

O protocolo geral dedicado principalmente ao espaço – Laboratório– tomará como sequência o momento da chegada das coleções arqueológicas. O intuito é a orientação para procedimentos curatoriais, pois, embora haja especificidades metodológicas aplicadas a cada coleção / classe, há referências básicas e comuns a todas elas, e que, bem explicitadas e padronizadas, tendem a dinamizar a operação, garantindo o rigor científico e a organização dos dados.

O responsável pelo recebimento do material arqueológico advindo do campo verificará se todas as caixas com material arqueológico estarão devidamente identificadas.

Em pastas digitais do projeto, os dados com a descrição e quantificação do material serão arquivados e averiguados com toda documentação e materiais arqueológicos recém-chegados. Toda informação discrepante será anotada, fazendo-se observações e, se for necessário, o coordenador do campo será acionado para a correção.

Logo após as etapas supracitadas e a depender da situação do material, esse será higienizado em seguida e devidamente guardado na reserva técnica, com seus dados locais para aguardar a agenda do laboratório.

O espaço do laboratório não deverá ter excesso de material arqueológico. Durante a exposição para os procedimentos curatoriais, o material permanecerá sobre seus sacos plásticos e etiquetas ou, ainda, nas mesas em que se podem anotar as referências e alocar os artefatos conforme sua procedência e, em todos os casos, a permanência não poderá ser longa, devendo seguir estritamente o cronograma.

PROCEDIMENTOS BÁSICOS DE CURADORIA

A curadoria no laboratório, de maneira sucinta, se destinará às seguintes etapas: atividades de limpeza, substituição de sacos plásticos e etiquetas deterioradas, triagem, numeração, separação em conjuntos, remontagens e armazenamento. Essas atividades, em geral, são feitas por profissionais da área, com ou sem o auxílio de estagiários cursando graduações de áreas afins com a Arqueologia, recebendo constante apoio e orientação de arqueólogos.

Os procedimentos de curadoria e análise demandam organização, manipulação e movimentação cuidadosa das peças e/ou coleções arqueológicas. Nesse sentido, os procedimentos são explicitados abaixo, a fim de garantir acuidade com o patrimônio.

O processo de limpeza do material envolve diferentes etapas como retirada dos objetos das caixas, dos sacos plásticos, anotações, lavagem, secagem, troca de sacos plásticos danificados, de etiquetas e, por fim, armazenamento. Conforme a logística do laboratório, a última etapa pode ser adiada para que as peças já expostas e secas passem diretamente para a numeração. No entanto, trataremos aqui das orientações por etapa, ficando os procedimentos quanto à numeração para mais adiante.

Como sempre será lembrado nos processos curatoriais, a atenção é fundamental durante o processo de retirada do material e lavagem, pois nesse momento é que ocorrem visualizações mais claras dos artefatos, quando se retiram o sedimento e crostas – pátinas acumuladas durante dezenas, centenas de anos. Nesse primeiro olhar depois do campo, podem ser notados nitidamente nas cerâmicas: pinturas, engobos, sinais de fuligem e outros tratamentos frágeis etc., para materiais líticos: sinais de uso,

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCI

pigmentação diferenciada etc., em louças: pinturas ou áreas com erosão do esmalte que necessitam de maior cuidado.

Materiais especiais como os citados acima não devem sofrer atrito durante a limpeza que é feita com cuidado, sem o uso de escovas, retirando-se apenas o excesso de sedimento, por meio de toques leves utilizando-se o dedo e o auxílio de água – quando não há vestígios de material orgânico.

Materiais orgânicos e metais não devem ter contato com a água, realizando-se limpeza a seco (toques leves com o auxílio de escovas macias). Ressalta-se que conversas e dúvidas devem ser mantidas e comunicadas constantemente com os especialistas, bem como consultas a bibliografias específicas⁶.

Chama-se também a atenção para o cuidado com as etiquetas e mistura de materiais; no momento da lavagem e exposição para secagem, devido ao trabalho em equipe, muitos materiais são deslocados, e se não houver atenção podem perder sua referência locacional, portanto, todo material manipulado deve permanecer próximo de sua referência locacional.

Toda operação deve chegar ao fim para que outra seja iniciada, ou seja, ao abrir um saquinho todo o seu conteúdo deve ser limpo (antes que outro seja aberto) e, se for o caso, a etiqueta será refeita (procurando-se manter a etiqueta primária, pois, caso haja alguma dúvida, é possível consultá-la). Deve-se certificar de protegê-la contra a umidade, colocando-a dentro de saco plástico específico.

⁶O material produzido pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo Núcleo de Pré-História e Arqueologia (NuPHA), Passo Fundo/RS (2012) intitulado: “Técnicas de laboratório em Arqueologia. Procedimentos básicos para conservação de acervos” é um documento síntese de suporte curatorial.

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

Para toda a atividade de lavagem e numeração haverá ficha específica. A ficha em versão impressa deve ser preenchida com os dados do projeto em questão e assinada diariamente, e, no final de cada semana, os dados serão repassados para uma versão digital.

O material arqueológico será exposto para secagem sobre o saco plástico com sua referência (leia-se etiqueta), após secos, os artefatos retornam para o saco plástico e para sua caixa de referência.

Para o armazenamento de peças inteiras como vasilhas cerâmicas, pratos, malgas de louça, garrafas de vidro, estatuetas etc., serão utilizados materiais, para a devida proteção como sacos bolha, mantas de polietileno, sendo esses artefatos colocados unitariamente em sacos plásticos com etiquetas de identificação.

A remontagem de peças consiste em reconstituir uma peça, ou unir uma sequência produtiva. Em geral, essa etapa ocorre durante a triagem ou análise, já com as peças devidamente numeradas. Nos primeiros contatos com os artefatos durante a lavagem e a numeração é possível vislumbrar fragmentos de um mesmo conjunto. Essas observações podem gerar comentários nas fichas e auxiliar o processo seguinte de triagem e posterior análise.

Por vezes, a arte de remontar exige aperfeiçoamento técnico, dependendo das condições do material e de sua integridade. Assim, expõe-se aqui que todo trabalho de remontagem precisa de conhecimento; as orientações virão do coordenador, mas, caso haja dúvidas, é sempre válido esclarecê-las. Alguns exemplos de material de apoio utilizado na remontagem em laboratório são cola, elásticos, areia, argila e bandejas.

A triagem pode ser definida como um filtro analítico, discriminando de maneira ágil o material que chegou de campo, separando-o e fazendo-se observações, poderá ter especificidades definidas pelo pesquisador, dependendo do material e do contexto arqueológico. Esse trabalho, a depender, pode ocorrer antes ou depois da numeração. É sempre o contexto e as anotações de campo que ditarão as regras para a triagem, ou seja, a triagem é feita com base nessas informações. Exemplo: Nota-se um grande número de rochas sem alterações tecnológicas ou macro traços, no entanto, elas podem ter grande valor na análise por suas relações intrassítio, por exemplo, podem ser partes de estruturas habitacionais, componentes de estruturas de combustão etc. (BEAUNE, 2000). Assim, nunca se descarta material sem a plena consciência científica. As atividades de triagem contarão com fichas específicas para que toda a informação necessária seja assinalada.

A atividade de numeração ocorre com o material já limpo e seco, com sua referência locacional clara. A atividade deve ocorrer sob foco, havendo destreza com a caligrafia, isto é, letras e números legíveis com adequação de ambos conforme a dimensão da peça, é importante que a numeração seja feita utilizando a menor superfície possível do artefato. Peças muito pequenas devem ser avaliadas; notando-se grande dificuldade em escrever sobre a peça, opta-se por deixá-la em saco individual com etiqueta (protegida da umidade). As peças serão numeradas de acordo com o contexto exumado e a metodologia empregada:

- Passa-se uma camada de esmalte incolor sobre parte da peça (detalhes serão dados mais adiante);
- Espera-se a secagem;

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCI

- Com auxílio da pena ou caneta com nanquim, escreve-se a numeração; se o material for escuro, pode-se adotar tinta branca; se for mais claro, indica-se a tinta preta;
- Espera-se secar (borrões devem ser corrigidos);
- Aplica-se uma segunda camada de esmalte incolor sobre a área numerada;
- Espera-se secar;
- O material é guardado em saco plástico limpo e seco com etiqueta.
- Todo saco plástico receberá um número de lote, e toda informação de tombamento constará em ficha (projeto, sítio arqueológico, área escavada, número inicial e final das peças contidas num determinado saco, a referência locacional das peças, número de lote). As fichas serão preenchidas manualmente e depois digitadas em Excel e arquivadas na pasta do projeto.

Realizadas as etapas anteriores de curadoria, passa-se para a fase de análise do material. Nesta fase, um pesquisador treinado reúne atributos analíticos condizentes com as informações contextuais e metodológicas com que ele pretende trabalhar. Em linhas gerais um arqueólogo sempre tem em mente três perguntas: O que aquele artefato significa? (estilo e variabilidade tecnomorfológica). Onde? (qual era o contexto dos artefatos e os meios utilizados para coletá-los). Quando? (em que época foram usados ou reutilizados, há datações? Ou possibilidades de datações absolutas e/ou relativas) (RENFREW, BAHN, 1998).

Todo atributo de análise será específico para cada classe de artefato, e a reunião dos atributos selecionados gerará um banco de dados, que vai sendo alimentado conforme progride a análise. Nessa etapa, todas as informações que foram mencionadas na curadoria anterior são utilizadas para dar prosseguimento na investigação científica.

Aqui entra novamente o raciocínio de cadeia operatória, pois dados incompletos ou erros gerarão equívocos na análise ou mesmo a necessidade de refutar algumas informações, dada a impossibilidade de recuperação ou correção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou abordar procedimentos básicos de curadoria arqueológica para diferentes tipos de artefatos resgatados durante as fases de pesquisa da arqueologia preventiva, voltada ao licenciamento ambiental. Os temas e procedimentos foram expostos de modo sucinto e introdutório, sem esgotar as perspectivas teórico-metodológicas e os cuidados inerentes a cada categoria artefactual. Ademais, este ensaio propõe um diálogo inicial entre os pesquisadores envolvidos, delineando os primeiros passos aos profissionais iniciantes.

Reitera-se que a palavra básico tem muita importância nesse contexto, pois o intuito textual foi expor (de acordo com experiências partilhadas com outros pesquisadores e apoios bibliográficos) procedimentos essenciais e, por vezes iniciais, voltados, em linhas gerais, à arqueografia (documentação contextual e cultural), acomodação dos materiais, lavagem e numeração. Em outras palavras, foram discutidas práticas de acuidade para com todo o acervo, desde o momento inicial da pesquisa até sua conclusão.

A gama de artefatos arqueológicos e suas temporalidades são expressivas, por isso mesmo, conforme o tipo de material e suas condições de depósito e preservação, fazem-se necessários conhecimentos mais aprofundados e medidas curatoriais apropriadas e específicas. Para tal, pesquisadores especializados são requeridos.

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIIO

Alguns materiais arqueológicos têm elevado grau de deterioração logo que saem de seus contextos in situ como metais, ossos entre outros. As mudanças físico-químicas acarretadas pela retirada da peça e pelo manejo desses materiais devem ser pensadas, evitando-se perdas de informações ou, em graus mais extremados, do próprio artefato.

O crescente volume artefactual levantado pelas pesquisas da arqueologia preventiva, em todo o território nacional, exige que cada vez mais os arqueólogos se atentem para a complexidade conceitual de Gestão do Patrimônio Cultural, desde a paisagem (suporte físico e cultural), recursos do meio, técnicas materializadas por meios desses recursos (artefatos, ecofatos e biofatos), passando pela relação ética dos profissionais nos contextos trabalhados, os quais tem sua ‘gente local’, seus conhecimentos, usos e costumes; estes que podem nos auxiliar a entender melhor processos de continuidade e ruptura diante de muitos cenários que constituem histórias de longa duração.

Ressaltamos que o processo curatorial, no âmbito da arqueologia preventiva, deve ser rigoroso, tão minucioso quanto o realizado em ambiente acadêmico, tendo em vista que, muitas vezes, as coleções arqueológicas não são analisadas de imediato, ficando salvaguardadas durante anos até que um profissional possa revisita-las, com estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M.; LIMA, A. **Preservação de objetos metálicos resgatados em sítios arqueológicos históricos**. Revista de Arqueologia, São Paulo, 8 (2) p.287-301, 1994-95.

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

BACHMANN, K. **Conservation concerns**: A guide for collectors and curators. Smithsonian Institution, New York, 1992, 149 p.

BACHMANN, K.; RUSHFIELD, R.A. **Principles of storage**. In: Conservation concerns: A guide for collectors and curators. Smithsonian Institution, New York, p.5-10, 1992.

BEAUNE, S.A. **Pour une archéologie du geste. Broyer, moudre, piler. Des premiers chasseurs aux premiers agriculteurs**. Paris: CNRS Editions, 2000, 231p.

BRUNO, M. C. O. **Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas**: avanços, retrocesso e desafios. In: GRANATO, M; RANGEL, M. R. (Orgs.). Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências Afins-MAST, 2009, v. 1, p. 14-25.

CALDARELLI, S. B. **Arqueologia preventiva**: Uma disciplina na confluência da arqueologia pública e da avaliação ambiental. Revista Habitus. Goiânia, v. 13, n. 1, p.5-30, jan./jun. 2015.

DUNNELL, R. C. **Classificação em arqueologia**. Tradução: Astolfo Araújo. São Paulo: EDUSP, 2006.

FRONER, Y-A. **Tópicos de arqueologia preventiva**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes: UFMG, 2008.

LORÊDO, W.M. **Manual de conservação em arqueologia de campo**. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1994.

KIPNIS, R. **Protocolo de campo. Escavação. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos**. USP, jun. 2003.

MARTINS, D.C. **A gestão do patrimônio arqueológico na arqueologia do licenciamento ambiental**. Revista Habitus. Goiânia, v. 9, n.1, p. 143-167, jan./jun. 2011.

MORAES WICHERS, C.A. **Patrimônio arqueológico paulista. Proposições e provocações museológicas**. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2011, 349p.

MORAIS, J. L. **A arqueologia e o fator geo**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 9: p. 3-22, 1999.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - online), Belém, v. 05, n. 02, p. 25-51, jul./dez. 2018.

Um diálogo inicial sobre procedimentos curatoriais básicos envolvendo a Arqueologia preventiva

Danilo Alexandre GALHARDO, Juliana Aparecida Rocha Luz ZAGO, Neide Barrocá FACCIO

PENIN, A. **Academia, contrato e patrimônio. Visões distintas da mesma disciplina.** Tese (Doutorado) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 2010, 156p.

PYE, E. **Conservation and storage:** Archaeological material. In: Manual of curatorship: A guide to museum practice. London, 1992, p. 392-426.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología:** Teorías, métodos e práctica. Ed. Akal, Madrid, 1998, 571p.

SCHEEL-YBERT, R.; KLOKLER, D.; GASPAR, M.D.; FIGUTI, L. **Proposta de amostragem padronizada para macro-vestigiosbioarqueológicos:** antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16, 2005-2006, p.139-163.

SULLIVAN, L.P.; CHILDS, S.T. **Curating archaeological collections:** From the field to the repository. Archaeologist's toolkit 6, Altamira Press, v.6, 2003, 147 p.

APOSTILA. **Técnicas de laboratório em arqueologia. Procedimentos básicos para conservação de acervos.** Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Núcleo de Pré-História e Arqueologia (NuPHA), Passo Fundo, RS, 2012, 35 p.

TESSARO, P.B. **Pedaços de uma Paulicéia espalhados pela urbe:** Musealizando uma arqueologia com a cidade. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2013, 300p.

THE SOCIETY FOR HISTORICAL ARCHAEOLOGY. **Standards and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections.** Paper, vol. 26, n.4, 1993, 6 p.

VASCONCELOS, M. L. C. **O conservadornagestão de acervosarqueológicos:** um estudo de caso do sítio Guarani PS-03 Totó (RS-Brasil).2011. 99fs. Monografia (Graduação).Curso de Bachareladoem Conservação e Restauorde Bens CulturaisMóveisda Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS. 2011.

Trabalho enviado em: 14/08/2018

Trabalho aceito em: 06/02/2019